

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA, POETA ENTRE DOIS MUNDOS

Luís André Nepomuceno
(Centro Universitário de Patos de Minas, UNIPAM)

Laura de Mello e Souza. **Cláudio Manuel da Costa, o intelectual dividido**. São Paulo: Companhias das Letras, 2011 (Col. “Perfis brasileiros”).

Já faz tempo que os leitores e estudiosos da obra de Cláudio Manuel da Costa anseiam por uma biografia do poeta que dê conta das complexidades de sua vida e, sobretudo, das dúvidas históricas que pairam sobre essa personalidade decisiva do Neoclassicismo brasileiro. Laura de Mello e Souza por certo sabia que o pesquisador a se embrenhar por essa aventura estaria destinado a lidar com riscos e dificuldades incontornáveis. Mesmo com as contribuições anteriores (não muitas, a considerar a importância do poeta), a vida de Cláudio Manuel tem sido um mistério, a começar pelos elementos essenciais para a composição de sua biografia: as origens, as relações afetivas, a participação na Inconfidência Mineira, as relações políticas com os poderosos, e por fim, os segredos que pairam sobre a morte.

A historiadora da Universidade de São Paulo, já bastante familiarizada com as temáticas do século XVIII na América Portuguesa, propôs-se a enfrentar os desafios, e agora coloca a público a primeira biografia completa de Cláudio. Laura conhece com intimidade as Minas do século da Inconfidência, bem como as manobras do poder político de Portugal que acompanham o período: os governos de D. João V, D. José I e Dona Maria que, conforme a própria autora, tiveram olhos postos no Atlântico Sul, especialmente no Brasil, como que a compor uma nova concepção de império. E a vida de Cláudio Manuel está recortada justamente por esse período histórico.

Os pesquisadores recentes da obra de Cláudio estão conscientes de que muito de sua biografia disponível até então não passou de len-

das e especulações românticas. Joaquim Norberto de Sousa Silva e J. M. Pereira da Silva, intérpretes inaugurais da crítica literária brasileira no séc. XIX, criaram mitos em torno do poeta; e críticos como Sílvio Romero, Ronald de Carvalho ou José Veríssimo moldaram-lhe a identidade, conforme o olhar romântico – modelos cujas contribuições muito estudioso ainda hoje pejeja para apagar. O Neoclassicismo brasileiro foi tão fortemente ajustado aos valores subjetivos e nacionalistas da crítica romântica que a tarefa de hoje é não apenas reconstruir as origens e a essência do pensamento neoclássico, como também aplacar os ímpetus românticos que pairam até hoje nas leituras recentes – tarefa que tem encontrado importantes estudiosos como Sérgio Alcides, Ricardo Valle, Alcir Pécora, Melânia Silva de Aguiar, posteriores à geração intermediária de Antonio Candido, Sérgio Buarque de Holanda e Péricles Eugênio da Silva Ramos. Portanto, o grande risco de interpretar a vida de Cláudio é justamente apoiar-se em crítica literária equivocada.

Laura de Mello e Souza conclui que, a julgar pela bibliografia disponível sobre Cláudio, muitos são os títulos, mas poucos os avanços no conhecimento da vida do poeta. Seu amigo de letras Tomás Antônio Gonzaga mereceu destino de maior sorte (o romance com Maria Doroteia de Seixas Brandão, a Marília de seus poemas, pode lhe ter sido favorável), especialmente se considerarmos o volume de Adeldo Gonçalves, *Gonzaga, um poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999), grande biografia do poeta de Marília. Cláudio Manuel, no entanto, permanecia na escuridão: a reconstituição dos fatos de sua vida ainda se mantinha atrelada aos estudos da obra ou às introduções biográficas em edições da sua poesia. Alberto Lamego, apoiado num preciso documento em que Cláudio teria encaminhado sua autobiografia à Academia dos Renascidos, de que fez parte por breve tempo, foi o primeiro a clarear elementos importantes da vida do poeta. Seu estudo “Autobiografia e inéditos de Cláudio Manuel da Costa” saiu pela *Revista da Academia Brasileira* (n.º 7, janeiro de 1912, pp. 5-25), e trouxe de fato contribuições inéditas. João Ribeiro, que editou as obras do poeta (*Obras Poéticas de Cláudio Manuel da Costa*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903, 2 vols.), ensaiou-lhe uma breve biografia, em que já evidenciava em Cláudio a “alma que havia de sempre ser frágil, mimosa e delicada”, em detrimento da terra, que é “toda de ferro, mineral e dura” (vol. I, p. 9), essa antítese que percorreria a opinião de críticos e biógrafos, a despeito do olhar romantizado de João Ribeiro. Caio de Mello e Franco, que escreveu estudo sobre o *Parnaso Obsequioso* e as

Cartas Chilenas (cuja autoria ele atribuiu a Cláudio), também revelou avanços biográficos, em seu volume *O inconfidente Cláudio Manuel da Costa* (Rio de Janeiro: Schmidt, 1931). Rodrigues Lapa que, com disciplina, se debruçou sobre as obras de Gonzaga e Alvarenga Peixoto, parece ter desdenhado Cláudio, mas ponderou questões relevantes para o estudo de sua poesia, sobretudo no ensaio “Subsídios para a biografia de Cláudio Manuel da Costa” (*Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n.º 9, mar. 1958, pp. 25-27). Seguindo-lhe os passos, Sérgio Buarque de Holanda, nos *Capítulos de Literatura Colonial* (São Paulo: Brasiliense, 1991), apesar do caráter inconcluso desse livro, dedicou quase 200 páginas à obra do poeta, pontuadas de elementos biográficos, ainda que não haja a intenção biográfica em si. Por fim, Edward Lopes (*Metamorfoses: A poesia de Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: UNESP, 1997), embora não seja biógrafo, arrisca interpretações do gênero, mas comete equívocos, definindo o poeta, por exemplo, como “precursor do pré-romantismo”.

Laura de Mello e Souza tem em mãos um acervo não tão expressivo, como ela afirma. E acima de tudo, insuficiente. Pior: por vezes equivocado. Teria sido esse o desafio da historiadora. “Cláudio nunca mereceu uma biografia, nem um espaço biográfico mais alentado, como os que Rodrigues Lapa traçou para introduzir as obras desses dois poetas [Gonzaga e Alvarenga]”, afirma a biógrafa (p. 13). Gonzaga já era *best-seller* no começo do séc. XIX, quando a poesia de Cláudio declinava no gosto popular, certamente por efeito de sua dicção bem mais clássica e erudita, fruto de suas longas investidas na poesia barroca, petrarquista e camonianiana.

A biografia de Laura de Mello e Souza, meritória para além de seu pioneirismo, parece ter trazido Cláudio Manuel da Costa à dimensão de uma realidade histórica e social, diferente do poeta clássico a que estamos habituados nos estudos de Antonio Candido e Sérgio Buarque, dentre outros, que lhe percorreram os passos para o catálogo de suas fontes clássicas e humanistas. Essa talvez seja a peculiaridade do trabalho de um historiador, não de um crítico literário. Laura nos informa, nas “Indicações e comentários sobre bibliografia e fontes primárias” (em capítulo à parte), um pouco das suas pegadas pessoais ao longo da pesquisa: procurou documentos inéditos no Arquivo da Casa Setecentista de Mariana, no Instituto Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, revirou os já conhecidos e publicados *Autos de devassa da Inconfidência Mineira*, e buscou o apoio de historiadores recentes das Minas setecentistas.

O resultado é um Cláudio Manuel da Costa um tanto diferente do que se tem imaginado: mais conservador, mais aprisionado ao mundo eclesiástico, menos iluminista. Solteiro, teria se amasiado, em relação estável e duradoura, com Francisca Arcângela de Souza, negra, ou mulata escura, que lhe daria cinco filhos. A solicitação do poeta para receber o hábito da Ordem de Cristo, e a participação de dois de seus irmãos como qualificadores do Santo Ofício, parecem sugerir uma formação eclesiástica bem mais ortodoxa do que se poderia supor com relação a um intelectual metido na Inconfidência. Cláudio, minerador abastado, herdeiro de terras e escravos, pediu o hábito de Cristo como reconhecimento pelos trabalhos prestados junto à Coroa, no recolhimento do ouro nas lavras de suas terras. Não era vaidade pessoal, afirma a biógrafa, mas a preocupação em “prezar o conhecimento e o valor pessoal para alcançar a honra e a estima, que a sociedade de então cortejava tanto” (p. 112). Cláudio teve problemas para ver atendida a sua solicitação, por causa de indignidades na herança familiar, motivo de vergonha para o poeta, e indício de uma civilização colonial sustentada no preconceito e na sociedade de casta, segregadora e discriminatória. Daí a sujeição da poesia de Cláudio à ordem de um estado político aristocrático, balizado também pela regência do pensamento católico. O poeta, tão logo chegou à colônia, voltando de sua temporada em Portugal, tratou de se adequar a essa lógica do estado aristocrático, brigando por cargos políticos: foi vereador da Câmara de Vila Rica, procurador substituto da Coroa e da Fazenda, juiz na demarcação de sesmarias, e secretário do governo de Minas, cargo mais alto a que chegou (designado pelo governador Gomes Freire de Andrade), e que o poeta teria ocupado até 1765.

As notícias sobre uma viagem que Cláudio realizou pelo sertão de Minas em 1764, como secretário de governo, junto da comitiva de Freire de Andrade, parecem um ponto alto da biografia de Laura: o governador viajava pessoalmente pelo interior do sertão à cata de problemas com o fisco da mineração. São realistas e particularmente emocionantes os registros da historiadora sobre as condições de viagem no sertão das Minas em meados do século. O roteiro árduo, perigoso, exaustivo, teria arrastado o próprio Cláudio a reflexões que posteriormente o levariam à elaboração do *Vila-Rica*, poema épico concluído em 1773, publicado postumamente apenas no século seguinte, um dos fracassos literários do poeta – texto pouco lido, pouco editado, pouco apreciado.

De qualquer forma, a reflexão sobre o sertão mineiro, bem como sobre as condições de vida social nas Minas setecentistas, levam a his-

toridora a uma conclusão óbvia e inevitável, a que muitos críticos de sua obra já haviam chegado: o intelectual dividido entre dois mundos sociais, o mundo literário e requintado da corte portuguesa, de um lado, e o espaço da ignorância e da incultura em terras coloniais, de outro. O próprio Cláudio já teria se lançado a tal análise de si mesmo: no “Prólogo ao leitor”, na primeira edição de suas *Obras* (1768), justificava-se pelo pouco refinamento de sua poesia, atribuindo o fato à incapacidade de se dedicar às letras em espaço social tão pouco propício à vida literária. O biógrafa mostra ter percebido nesse problema uma das chaves para a compreensão da vida do poeta: a sensação incômoda de estar inadequado a seu mundo social, numa espécie de exílio em sua própria terra – conforme irão revelar, por exemplo, as epístolas e alguns sonetos das *Obras*, que Laura não comenta.

A historiadora também rastreia e analisa a biblioteca e os bens pessoais de Cláudio Manuel: os livros denunciam a formação jesuítica e escolástica, bem distante das melhores bibliotecas iluministas de Minas daquele tempo. Nem os clássicos que tanto o influenciaram (Petrarca, Ovídio, Virgílio, Garcilaso, Gongora, Sá de Miranda, Metastasio, Guarini), não fizeram parte de seu acervo, a menos que o patrimônio tenha se perdido. De toda forma, a biblioteca voltada a livros práticos de leis e direito canônico, bem como aos interesses eclesiásticos, corrobora a ideia de um poeta de formação arcaica para o seu tempo, centrado em interesses conservadores, tudo isso convivendo com a grandeza de uma criatividade literária e com a capacidade de manipular os clássicos, conforme os manuais de estética e retórica da época.

Frente a essas questões, é preciso dizer que o livro de Laura de Mello e Souza significa um avanço considerável nos estudos biográficos sobre Cláudio Manuel da Costa. Ao longo de suas 242 páginas (volume modesto, para uma biografia), é possível reconhecer uma personalidade real e convincente que se esconde por detrás da poesia clássica. A alma “frágil, mimosa e delicada” apontada por João Ribeiro (melancólica, no dizer de Sérgio Alcides), teria se convertido numa personalidade “complexa e sensível”, efetivamente dada à tristeza – o que terá levado a historiadora a argumentar em favor da hipótese de suicídio, na Casa dos Contos, dois dias depois de o poeta ter sido interrogado, no episódio da Inconfidência, quando teria incriminado os amigos mais queridos.

Há lacunas na biografia de Laura: a amizade com Tomás Antônio Gonzaga e a participação de Cláudio nas *Cartas Chilenas* (um dos mais

extraordinários poemas satíricos do séc. XVIII em língua portuguesa) é motivo de pouco interesse da autora. O próprio episódio da Inconfidência Mineira, dramático na biografia do poeta, e que lhe teria custado a vida, é mencionado na superficialidade. Por fim, a relação entre a vida e a obra revela o trabalho de uma biografia escrita não pelas mãos de uma teórica da literatura, porém de uma historiadora. Não que isso seja um problema em si, mas uma leitura atenta dos versos contidos na obra poética poderia flagrar circunstâncias de identidade pessoal no meio do artificialismo clássico e retórico, a exemplo das epístolas e dos sonetos já mencionados. Em se tratando de Neoclassicismo, apontar a difícil relação entre fatos biográficos e a manipulação erudita de fontes clássicas poderia ser tarefa preciosa. Mas nada disso faz perder a importância da obra de Laura de Mello e Souza: numa linguagem elegante e sedutora, o volume, acompanhado de um encarte com ilustrações, por certo vem iluminar uma imagem de Cláudio Manuel da Costa que até então não conhecíamos: centrado no seu tempo, voltado às preocupações de sua sociedade, vivendo as contradições de uma colônia oprimida por uma política imperialista. Terá sido esse o mérito da historiadora.

Data de recebimento: 30 de março de 2011

Data de aprovação: 15 de abril de 2011